

RAQUEL MOTTA BORGES

**CORRELAÇÕES ENTRE O AMOR FEMININO E A  
PSICANÁLISE**

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Rio de Janeiro

Julho 2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
COORDENAÇÃO CENTRAL DE EXTENSÃO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Correlações Entre o Amor Feminino e a Psicanálise

Raquel Motta Borges

Prof (a). Vera Pollo



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



RAQUEL MOTTA BORGES

CORRELAÇÕES ENTRE O AMOR FEMININO E A PSICANÁLISE

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof (a). Vera Pollo

Rio de Janeiro

30 de Julho de 2010



## **DEDICATÓRIA**

Agradeço à minha família que sempre me incentivou em todos os momentos. A minha terapia que me deu suporte e me ajudou a crescer. Aos meus amigos, cada um com sua especificidade, que me proporcionaram experiências diversas e me fizeram entender um pouco mais da mente humana. E aos meus pacientes, sem eles a teoria se tornaria vazia.

## Sumário

Introdução .....	1
Capítulo 1 O Amor Feminino.....	4
1.1 A Conceituação do Amor Para a Psicanálise .....	4
1.2 O Amor Feminino .....	9
1.2.1 A Erotomania	
.....	17
1.3 Histeria e o Feminino.....	19
1.4 O Amor do Homem pela Mulher	
.....	20
Capítulo 2 A Psicanálise e sua Interação com o Amor .....	22
2.1 Transferência.....	22
2.2 Demanda .....	28
2.3 Desejo.....	30
2.3.1 Alienação e Separação .....	32
Conclusão .....	37
Referências Bibliográficas .....	39

**Resumo:**

Este trabalho tem por objetivo relacionar o amor feminino e a Psicanálise, mas para isso uma breve releitura da questão do amor será feita desde Freud. O amor feminino é erotomaniaco, ou seja, precisa a mulher precisa sentir-se amada para só então amar. O amor feminino demanda o ser. Enquanto na análise, a transferência, a demanda e o desejo são questões que estão impregnadas de amor, pois muitas vezes a relação entre analista e analisando está baseada numa transferência de amor.

Palavras chaves: Amor, Feminino, Psicanálise.

**Abstract:**

This work aims to relate the feminine love and psychoanalysis, but that a brief reading of the issue of love will be made since Freud. The female love is Erotomantic, what means that the woman needs to feel loved and only then love. Love demands the female being. While the analysis, transfer, demand and desire are issues that are imbued with love, because often the relationship between analyst and patient is based on a transfer of love.

Key words: Love, Female, Psychoanalysis

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso de Especialização em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro tem por objetivo revisar a conceituação do amor, mais especificamente o amor feminino, e sua relação com a teoria psicanalítica.

Antes de introduzir o tema do amor feminino, há uma breve contextualização da questão do amor para Freud, Lacan e seus discípulos. Enquanto Freud (1930) afirma que o amor tem sua origem na comunidade primitiva, com a tentativa do homem manter seu objeto sexual próximo e a mulher com o intuito de não se afastar de suas crias. Lacan (apud Ferreira, 2004) declara que o amor surge para fazer suplência à inexistência da relação sexual.

Na teoria freudiana não há qualquer diferenciação entre a mulher e a mãe, acreditando que o prazer só poderia ser atingido pela mulher quando esta se tornasse mãe. É somente com Lacan que esta distinção é realizada, o desejo feminino não corresponde ao desejo de ser mãe, podendo até estar presente, mas não é seu único objetivo de vida. Principalmente na contemporaneidade, onde a mulher tem acesso ao gozo fálico, que é pertencente aos homens (Ferreira, 2004). Contudo, a mulher tem acesso a um gozo que lhe exclusivo, o gozo “a mais”, porém só pode entrar em contato com esse gozo através do homem. O homem ao mesmo tempo que proporciona a mulher entrar em contato com esse gozo, também estabelece um limite à ele, pois o gozo “a mais” é ilimitado, não há correspondente corpóreo que o circunscreva.

É muito comum confundirem a Histeria, uma das estruturas da neurose junto com a neurose obsessiva, com o Feminino (Zalberg, 2007). Desta forma, neste trabalho há uma breve diferenciação entre o que é peculiar das mulheres histéricas, daquilo que é pertencente ao feminino. Enquanto a mulher assume o lugar de objeto *a* na fantasia masculina, a histérica recusa essa posição, pois a principal questão da histérica está relacionada ao ser, é a procura pela resposta sobre o que é ser mulher. A histérica por ter uma identificação forte com seu pai assume uma posição fálica frente ao gozo, o que não é compatível com a posição feminina.

Lacan (apud Sartori, 2009) afirma que o amor feminino é erotomaniaco. Por mais que esse termo tenha sua origem na Psiquiatria Clássica e já tenha sido

utilizado por Freud, é somente Lacan que consegue estabelecer esse paralelo entre a erotomania, um fenômeno presente na paranóia com a forma de amar feminina.

A forma de amar masculina e feminina são distintas e não são complementares. O amor feminino é erotomaniaco, ou seja, a mulher precisa sentir-se amada para então amar. Contudo, uma ressalva deve ser feita, o amor feminino não é exclusivo da mulher, pois homens também podem amar de forma feminina. Enquanto o amor masculino é fetichista, colocando a mulher no lugar do objeto *a* de sua fantasia (Zalberg, 2007).

Outro ponto abordado sucintamente neste trabalho é o posicionamento assumido pela mulher em um relacionamento amoroso com o homem. O homem só consegue se relacionar com uma mulher e elegê-la como sua a partir da castração feminina. Uma mulher que se apresenta muito completa, muito fálica não tem espaço na vida de um homem (Zalberg, 2007).

O capítulo dois tem por objetivo relacionar a Psicanálise com o amor. Na relação analítica os principais pontos onde o amor se insere no tratamento estão na transferência e na relação entre a demanda e o desejo.

Freud (1914) em seus artigos técnicos dedica um deles exclusivamente para tratar da dinâmica da transferência, sublinhando a importância desta sobre o trabalho analítico. Afirma que a transferência é fundamental para o estabelecimento do trabalho analítico, mas ao mesmo tempo pode apresentar uma enorme resistência à ele. É importante ressaltar que a transferência pode ser positiva ou negativa e a transferência positiva é considerada por Freud como principal, pois auxilia o trabalho do analista.

A transferência só pode ser estabelecida quando o analisando coloca seu analista no lugar do suposto saber, alguém que terá a resposta sobre o sujeito.

A relação entre o amor feminino, transferência, a demanda e o desejo se dá pela importância que o tema do amor é considerado pela mulher. Lacan (apud Allouch, 2010) afirma que toda demanda é uma demanda de amor. Em todo tipo de demanda o amor se faz presente. O pedido da demanda é o mesmo pedido que o amor faz, que o outro lhe entregue o ser.

Contudo, ao falar da demanda depara-se com a questão do desejo, pois é através da demanda que o desejo se faz presente. Contudo, enquanto a demanda pode ser dita, é considerada por Quinet (2007) como um apelo, o desejo compreende aquilo que falta na fala, como afirma Lacan (1998).

O desejo é na realidade o desejo do Outro, de acordo com Lacan (1998). O sujeito é constituído a partir do desejo do outro, desta forma para finalizar este trabalho, as operações de separação e alienação são descritas brevemente, pois sem desejo não há sujeito. Como o desejo feminino foi abordado inúmeras vezes nesse trabalho, é importante abrir essa consideração sobre a constituição do desejo no sujeito.

# CAPÍTULO 1: O AMOR FEMININO

## 1.1

### A Conceituação do Amor Para a Psicanálise

No texto *O Mal-estar na Civilização*, Freud (1930) conceitua a origem do amor na sociedade e das relações entre os homens e as mulheres, assim como a mudança da poligamia para a monogamia. O amor foi construído ao longo dos séculos, não é algo pré-determinado ou natural da constituição humana.

Freud (1930) afirma que a vida na comunidade primitiva teve sua origem por dois motivos principais: a necessidade dos homens se manterem em grupos, pois assim poderiam usufruir melhor do ambiente em que viviam e pelo desejo do homem primitivo manter perto de si seu objeto sexual, a mulher. Enquanto que para a mulher seu interesse encontrava-se em não se separar de sua cria.

É a partir desse contexto que Freud distingue dois tipos de amor constituídos na família primitiva, mas que persistem até hoje na sociedade: o amor original que tem por finalidade a satisfação sexual direta e o amor como afeição inibida em sua finalidade.

*“O amor genital conduz à formação de novas famílias, e o amor inibido em sua finalidade, a ‘amizades’ que se tornam valiosas, de um ponto de vista cultural, por fugirem a algumas das limitações do amor genital, como, por exemplo, à sua exclusividade” (Freud, 1930, p. 108).*

Ferreira (2004) faz uma diferenciação entre o amor e o desejo sexual, mas não exclui a relação entre ambos. O amor é a suposição de um ser no outro, enquanto o desejo sexual é a captura do outro como objeto.

De acordo com Ferreira (2004) o sujeito ama conforme sua posição frente à castração, podendo assim aceitar as meias-verdades ou viver numa eterna busca para encontrar toda a verdade. No amor há o estabelecimento de duas posições; o sujeito, como amante e o objeto, como amado. O amante é aquele em que a falta se faz presente, já o amado é marcado pela posse de alguma característica que o torna amado, mas que ele próprio desconhece. O paradoxo do amor está presente no fato de que aquilo que falta ao amante, o ser que é amado também não o possui, que é o objeto do desejo.

Para Lacan (apud Ferreira, 2004) o amor tem seu início a partir do encontro do sujeito com a falta na sexualidade. Lacan (apud Allouch, 2010) afirma que o amor precocemente é uma paixão, que se junta ao ódio e a ignorância para formar o ternário das paixões do ser.

Lacan define o amor-paixão (apud Ferreira, 2004) como um objeto que é vestido pelas fantasias de seu amante, um objeto em que seu amante deseja se prender. O amor seria a tentativa de fusão entre os parceiros, mas com a existência do inconsciente, os sujeitos se encontram sempre condenados à separação dos sexos. Entre o homem e a mulher há um muro que é a linguagem (Soller, 2006).

Ferreira (2004) afirma que o amor surge para tamponar a falta original do desejo. Entretanto, essa saída pelo amor é paradoxal, pois ao mesmo tempo em que o sujeito pensa estar recobrando sua castração com o objeto amado, ele se dá conta que este objeto também é castrado, também apresenta uma falta estrutural.

Enquanto que para Freud o amor está relacionado à idealização, para Lacan ele está ligado à sublimação. Lacan (apud Ferreira, 2004) estabelece uma distinção entre o amor; existindo duas modalidades: o amor como paixão imaginária e o amor simbólico. No amor como paixão imaginária, o sujeito se dirige ao outro como objeto, buscando nele completude, originando-se no narcisismo (a pessoa ama para ser amada). A paixão é a alienação do desejo no objeto. Enquanto o amor simbólico tem seu foco naquilo que o objeto não tem. O amor simbólico tenta fazer frente ao real da falta.

Lacan (apud Allouch, 2010) situa o falo como o objeto amado para além do objeto amado. Inicialmente Lacan acredita que o amor tem sua origem no imaginário, mas ao longo de seus seminários, muda seu posicionamento, afirmando que o amor encontra-se entre o imaginário e o simbólico.

No amor ocorre uma subdução do simbólico no imaginário, ou seja, segundo Allouch (2010), o simbólico passaria embaixo do imaginário quando o sujeito está amando. Entretanto, Lacan (apud Allouch, 2010) frisa que o amor é na realidade o amor do seu próprio eu, realizado no nível imaginário.

O amor se encontra na intercessão entre o simbólico e o imaginário, entre aquilo que cessa de não de escrever e o que não cessa de se escrever. O amor é essencialmente produção de sentido, que é a tentativa de cobrir a falta de sentido radical pertencente ao regime do real originário, que é também o regime do desejo (Jorge, 2008).

Lacan (apud Jorge, 2008, p. 146) afirma que “*amar é querer ser amado*”, pois exige sempre reciprocidade.

*“Nesse sentido amor e desejo se opõem de modo bastante radical: o amor é uma tentativa de resposta exitosa do sujeito à falha inerente ao desejo, pois o amor não admite essa falha, ele quer preenchê-la a todo custo e ‘dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado’” (Jorge, 2008, p. 146).*

A máxima lacaniana, onde afirma que a relação sexual existe para fazer suplência ao amor, é para Jorge (2008) a tentativa de se fazer um a partir de dois, é a tentativa de se conseguir um parceiro absoluto, necessário e imprescindível.

No simbólico o encontro com o objeto é contingencial, e o amor advém para transformar esse objeto instável em algo necessário. Lacan (apud Jorge, 2008) afirma que o amor se encontra na articulação entre o simbólico e o imaginário, já o ódio está na junção do imaginário e do real, enquanto a ignorância está entre o real e o simbólico. No amor o real é suprimido, pois enquanto o amor é a eterna produção de sentido, o real é aquilo que não possui sentido algum.

No texto, Sobre o Narcisismo: uma Introdução de 1914, Freud afirma que a libido do ego e a libido objetal são antagônicas, pois se uma aumenta a outra deve diminuir. Na paixão a libido objetal atinge seu ápice, pois quando uma pessoa se encontra neste estado se encontra desinvestida de si para investir no objeto.

Para Freud (1914) tanto os homossexuais quanto os perversos sofreram algum tipo de alteração durante o desenvolvimento libidinal, pois passam a tomar si próprios como referência para o amor e não a mãe como é o usual, assumindo assim a escolha objetal narcisita.

Há uma diferença entre homens e mulheres em relação à escolha objetal. Nas mulheres não há necessidade de amarem, mas de serem amadas. É necessário ressaltar que quando o termo mulher é usado neste trabalho, ele está se referindo a forma feminina de amar, que pode estar presente também nos homens, não estando restrito à anatomia genital. Pois existem também mulher que amam conforme a posição masculina, levando a supervalorização sexual que é típica do homem. E também homens que amam conforme as mulheres (Ferreira, 2004).

Ferreira (2004) afirma que Freud faz uma distinção entre o que é masculino e feminino. Para Freud essas determinações estão relacionadas ao ponto de vista

econômico, onde masculino representa maior quantidade de investimento libidinal no objeto e o feminino maior quantidade de investimento libidinal no eu.

De acordo com Freud (1914) sentir-se amado ou não, numa relação amorosa, interfere diretamente na valorização que o sujeito tem de si, pois enquanto é amado a sua estima tende a aumentar e caso não o seja tende a diminuir. A privação e a falta do objeto amado são fatores que reduzem a valorização do sujeito, já em contrapartida, ser correspondido no amor a eleva. Para Freud, ser amando é a finalidade e a satisfação na escolha de objeto.

*“O estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto. Tem o poder de remover as repressões e de reinstalar as perversões. Exalta o objeto sexual transformando-o num ideal sexual. Visto que, com o tipo de objetual (ou tipo de ligação), o estar apaixonado ocorre em virtude da realização das condições infantis para amar, podemos dizer que qualquer coisa que satisfaça essa condição é idealizada” (Freud, 1914, p. 107).*

Freud (1914) distingue duas formas principais de amar com algumas variações. A primeira delas é a do tipo narcisista, na qual a pessoa pode amar o que ela é, o que ela foi, ou aquilo que gostaria de ser ou ainda alguém que já foi parte dela. O segundo tipo é o anaclítico, onde o sujeito pode amar a mulher que o alimenta ou o homem que o protege.

No tipo de amor narcisista, aquele que possui o ideal que o ego não tem é passível de ser amado. Este tipo de relação está fortemente presente na neurose, pois seu ego é frágil, tornando-se incapaz de realizar seu ideal do ego. Essa busca do ideal do ego através do amor é denominado por Freud (1914) de cura pelo amor, onde as pessoas que fazem essa escolha dificilmente procuram um trabalho analítico. E quando há procura por análise depositam nela as mesmas expectativas que depositam no amor e ocorrendo algum imprevisto ao longo do processo analítico, desistem e voltam a procurar no amor a cura para a fragilidade de seu ego. Contudo, Freud faz uma ressalva: a tentativa de cura pelo amor pode levar à dependência mutiladora em relação à pessoa que é amada.

Essa teoria de Freud, entre o amor narcísico e o amor anaclítico, é denominada de “tubo em U”, pois todo investimento libidinal estaria lançado entre esses dois tipos de amor. Lacan (apud Allouch, 2010) contrapõe Freud afirmando que o amor não está relacionado a um empobrecimento do Eu e um enaltecimento do objeto amado. Lacan descarta esta concepção freudiana ao

apontar uma contradição, onde na realidade, o amor narcísico estaria relacionado com a necessidade de amar e o anaclítico com a necessidade de ser amado. “*A relação anaclítica é uma persistência, no adulto, de uma relação infantil* (Allouch, 2010, p. 100).

De acordo com Ferreira (2004) na escolha anaclítica, a intensidade com que a libido deixa o eu e se dirige para o objeto gera uma relação de submissão neurótica. Esta relação tem sua origem na idealização do objeto, passando a ser a resposta para todos os questionamentos do sujeito. E a perda desse objeto amado é representado para o sujeito como se um pedaço de si se perdesse, nesse tipo de pessoa sua estima não é elevada, tudo está focado no objeto.

O amor surge como uma tentativa de recobrir a falta, a ausência do significante do Outro sexo no sujeito, que tem sua origem com o real que aparece no inconsciente como uma rachadura que percorre a sexualidade de ponta a ponta. Para a autora definir a diferença sexual é da ordem do impossível, assim como definir o amor (Ferreira, 2004). Freud (apud Zalberg, 2007) é o primeiro a ressaltar que amamos para não adoecermos, contudo quando amamos adoecemos.

Lacan (apud Zalberg, 2007) retira do Banquete de Platão da noção de agalma, aquele objeto precioso que se espera encontrar no sujeito amado. É assim que Lacan fundamenta o amor, a partir da falta.

*“No âmago do amor, encontra-se uma ilusão: de que aquele que está enamorado, o amante, supõe que o amado teria o que lhe falta e que poderia preenchê-lo. Esta é a função do objeto agalmático que conteria algo preciso no seu interior, algo fascinante. É um objeto freqüentemente marcado pela idealização ou pelo narcisismo, o que leva mais do que um apaixonado a constatar que o que ama no outro é o reflexo da sua própria imagem, mais ou menos idealizada. Se o amante empenha-se em colocar o amado no lugar amante e o desejo no lugar de desejante é que amar é também querer ser amado” (Zalberg, 2007, p. 104).*

No Seminário 4: A relação de objeto, Lacan se refere a um tipo de amor no qual a paixão não se encontra presente, não visando a satisfação, onde o sujeito passa a amar aquilo que está para além do objeto amado. Nesse caso, Lacan articula esse tipo de amor com a sublimação (Ferreira, 2004).

Soller (2006) afirma que o século XX carece de um modelo de amor, que está órfão dos mitos, estando reduzido aos encontros fortuitos. Entretanto a ausência de modelo, não significa a ausência de limites. O amor possui a característica de um sintoma, sendo sempre repetitivo e compulsivo.

Toda escolha amorosa é sintomática, está baseada numa escolha inconsciente, que dá forma ao gozo do corpo que existe no sintoma.

Segundo Zalcberg (2007) tanto homens como mulheres procuram no objeto a, mais-de-gozar, através da fantasia, o gozo perdido imposto pela inserção na linguagem. Essa busca pelo gozo perdido só pode ser realizada através da fantasia com a mediação do objeto a e com a inclusão de um parceiro amoroso.

## **1.2**

### **O Amor Feminino**

Freud (1931) declara que a fase pré-edipiana para as meninas é de extrema importância, pois tem influência determinante no desenvolvimento da vida sexual feminina. E não há possibilidade de estabelecer neste período nenhum tipo de correlação entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino.

Nas mulheres o processo de desenvolvimento sexual está dividido em duas fases: a primeira delas é essencialmente masculina, onde a vagina é um órgão praticamente inexistente e a fonte das sensações corpóreas tem origem no clitóris, enquanto a segunda é caracteristicamente feminina.

A primeira escolha objetual tanto para as mulheres como para os homens é a mãe, pois é dela que provém a fonte da alimentação e cuidados.

A menina se reconhece castrada, assumindo-se inferior e colocando o homem numa posição de superioridade, contudo rebela-se contra seu estado, podendo segundo Freud (1931) a partir disto gerar três possibilidades de saídas. Na primeira saída, a menina rebela-se contra sua condição, ficando insatisfeita com seu clitóris, abandonando assim sua sexualidade. Já na segunda saída, a menina se apegua a fantasia de que um dia terá um pênis, podendo ter por consequência uma escolha homossexual. A terceira saída, que é para Freud a mais saudável, que levará a menina ao encontro da sexualidade normal e que em seu fim encontrará o Édipo ao tornar o pai seu novo objeto de amor.

A mudança de objeto da mãe para o pai ocorre com o auxílio das tendências passivas. O desenvolvimento da feminilidade é possível se a menina superar a relação pré-edipiana com a mãe. O afastamento da menina de sua mãe se deve ao reconhecimento de sua castração, obrigando-a a abandonar seu objeto sexual. Entretanto, Freud (1933) ressalta que a mudança de objeto para o pai não acontece

sem conflito, pois persiste na relação da criança com sua mãe uma certa hostilidade.

Ao longo do desenvolvimento sexual feminino, Freud afirma que a menina passa por dois processos que não permeiam o desenvolvimento masculino, desta maneira o desenvolvimento sexual feminino é sempre mais complexo. A primeira transformação ocorre quando a menina troca o clitóris, que durante a fase fálica é sua principal zona erógena para a vagina. O segundo acontecimento é a mudança da mãe para o pai como objeto de amor.

*“Na situação edipiana, porém, a menina tem seu pai como objeto amoroso, e espera-se que no curso normal do desenvolvimento ela haverá de passar desse objeto paterno para sua escolha objetual definitiva. Com o passar do tempo, portanto, uma menina tem de mudar de zona erógena e de objeto – e um menino mantém ambos” (Freud, 1933, p. 119).*

Freud (1933) afirma que o desligamento da menina de sua mãe é gradativo, pois inicialmente acredita que somente ela é castrada. Progressivamente descobre que outras mulheres, assim como ela também são e só por último descobre a ausência do pênis em sua mãe. A menina culpa sua mãe por esta não ter lhe dado o pênis tão desejado, criando uma expectativa, ao deixar a mãe e se voltar para o pai, que este possa lhe dar o pênis à ela negado.

Contudo, o desenvolvimento da sexualidade feminina normal só prossegue se a menina conseguir deslocar o desejo de ter um pênis, presente de seu pai, para o desejo de gerar um bebê dele. Freud afirma que este desejo só se concretizará de modo satisfatório se a mulher posteriormente tiver um filho, e especialmente se for menino.

A entrada no Édipo pela menina acontece justamente nesta substituição da mãe, seu primeiro objeto de amor, pelo pai, intensificando-se neste período sua rivalidade com ela, pois sua mãe consegue de seu pai aquilo que a menina deseja.

Entretanto, a resolução do Édipo feminino não acontece brevemente como é no caso masculino, em que abandonam o Édipo pelo medo da castração. O Édipo feminino é duradouro, sendo abandonado tardiamente e de forma incompleta. Essa incompletude feminina gera um superego mais frágil, não conseguindo assumir a intensidade e a independência do superego masculino.

Para Sartori (2009) para a menina ingressar no Complexo de Édipo, não basta rivalizar com sua mãe, mas também deve sentir-se amada por seu pai. A

condição essencial para algum dia o sujeito, seja ele homem ou mulher, amar alguém, é que este tenha sido amado, tenha sido o objeto de amor de sua mãe.

Lacan (apud Ferreira, 2004) subverte a noção freudiana de que o feminino está relacionado à passividade e o masculino à atividade, pois o amante é aquele que percebe em si a falta, partindo ao encontro do seu desejo, enquanto o amado é aquele possui algo, que não necessariamente completa a falta do amante, mas aquilo que possui tem o valor de um dom.

Lacan (apud Zalberg, 2007) sentencia que as mulheres não se inscrevem completamente no registro simbólico e no Édipo, gerando conseqüências na sua relação com o registro do real e do imaginário e também na dimensão do desejo, do gozo e do amor.

Zalberg (2007) afirma que a grande diferença entre o homem e a mulher se encontra no registro do real, estando as mulheres mais próximas dele que os homens. O sujeito, seja ele homem ou mulher, tenta não encarar-lo, por mais inevitável que seja, pois esse encontro gera desamparo e angústia.

Lacan (apud Zalberg, 2007) explica que o lado louco feminino está relacionado com o real, com aquilo que está fora do campo simbólico, do registro das palavras. E daí que surge a máxima lacaniana de que as mulheres são loucas, mas não-todas loucas ou não loucas de todo. A mulher é não-toda porque uma parte de si se encontra fora do discurso.

A mulher apresenta duas faltas-a-ser. A primeira delas é inerente a todo ser humano, seja ele homem ou mulher, entretanto a segunda falta-a-ser é conseqüência da inexistência da mulher no inconsciente.

A mulher espera que o homem seja o representante do significante do seu desejo, ou seja, o falo, pois não existe representação para o significante do sexo feminino. É na figura do homem que a mulher busca seu papel identificatório, já que o homem se encontra ao lado do Um fálico, que dá a ele o suporte indentificatório. De acordo com Zalberg (2007) não é o homem em si, que a mulher está em busca, mas aquilo que o homem possui, o significante do desejo, o falo. Pois para a mulher não é suficiente que o homem possua o órgão, sua função é revelar para a mulher o que ela é enquanto mulher. As mulheres possuem diferentes formas de abordar o falo.

Quando um homem é eleito como o representante do significante do desejo feminino, consegue ofertar sua castração o que é de fundamental importância para

a mulher, pois o homem ao oferecer sua castração a ela torna-se um suplemento do ser feminino, lhe dando certa identificação feminina. É através do amor que a mulher consegue estabelecer sua identificação.

O homem só consegue amar uma parte da mulher, nunca por completo, o que é muito difícil para a mulher lidar, pois se sua identificação só é estabelecida a partir do homem, ela necessita que ele a ame completamente. Em consequência desta identificação, perder o amor do homem é muito devastador para a mulher. Por isso, o amor feminino é ciumento e exclusivo. Zalcberg (2007) justifica a partir desse contexto o motivo da fidelidade feminina.

*“É pela via do amor e não pela identificação com o gozo, como os homens, que elas poderão se dizer mulheres” (Zalcberg, 2007, p. 111).* Para a mulher é impossível se identificar a partir do gozo, pois o tipo de gozo feminino é um resto, que não é comparável ao gozo limitado masculino. O gozo do homem possui um limite, pois este goza a partir de uma parte de seu corpo, enquanto a mulher possui um gozo que é infinito e não pode ser localizado.

Lacan (apud Zalcberg, 2007) afirma que enquanto o homem só tem acesso ao gozo fálico, seu único tipo de gozo, a mulher tem acesso a dois tipos: o gozo fálico e o gozo mais além do falo. O gozo mais além do falo é exclusivo da mulher, é o gozo “a mais” apontado por Lacan. De acordo com Zalcberg (2007) o gozo “a mais” não pode ser expresso em palavras, somente o gozo fálico tem essa possibilidade. O gozo “a mais” só pode ser experimentado e nunca falado, entretanto nem todas as mulheres conseguem acessá-lo. *“[...] o próprio do gozo feminino é que uma mulher só sabe gozar em uma ausência” (Zalcberg, 2007, p. 113).*

O homem ao colocar a mulher no lugar do objeto a em sua fantasia, a fez entrar em contato com o outro tipo de gozo, o gozo “a mais”. Por mais que o homem a faça entrar em contato com esse outro tipo de gozo, ele não participa desse encontro, a não ser para viabilizá-lo. Contudo, o homem ao introduzir a mulher nesse gozo “a mais” também estabelece um limite para esse gozo, pois sem essa barreira esse gozo ilimitado devastaria a mulher. De acordo com Miller (apud Zalcberg, 2007) o amor e a devastação possuem uma estreita relação, pois ambos estão conectados ao ilimitado gozo feminino.

Somente quando a mulher aceita ser o objeto a na fantasia masculina, é o momento que o homem pode lhe oferecer sua castração e seu gozo fálico. E é

desse gozo fálico obtido do homem, que a mulher consegue estabelecer a causa de seu desejo.

*“O enlaçamento entre o gozo e o amor é fundamental para a mulher aceitar ficar na posição de objeto-causa de desejo de um homem que é a posição feminina. Quando o gozo está desenlaçado do amor é porque ocorreu uma falha na inscrição simbólica e a mulher continua precisando amparar-se no Outro para sustentar uma identificação ao ideal parental, ideal fálico. Cabe ao pai, em primeiro lugar, enlaçar o gozo ao amor” (Zalcborg, 2007, p. 116).*

O gozo feminino é ilimitado, pois não há em seu corpo um órgão que possa representar o gozo obtido, justamente por não se poder localizar o gozo feminino que se tem a sensação de infinito quando a mulher o experimenta.

Lacan (apud Zalcborg, 2007) define o amor como o desejo do desejo do Outro. Este desejo do desejo do Outro tem sua fórmula original na relação mãe-bebê, onde este tenta tapar o buraco da castração de sua mãe se oferecendo como falo.

Segundo Zalcborg (2007) o falo está sempre mediando à relação mãe-bebê, como um terceiro elemento, pois é o significante do desejo da mãe. A identificação fálica que a criança estabelece dá consistência ao seu ser.

É Lacan que vem repensar a importância fálica de um filho para a mulher, que para ele é de suma importância no desenvolvimento feminino. Lacan estabelece uma diferenciação entre: condição feminina e condição materna, que para Freud representava a mesma coisa (Zalcborg, 2007).

Para Freud (apud Sartori, 2009) mesmo que a anatomia esteja presente no sujeito ao nascer, ser homem ou ser mulher só determinado após a passagem pelo Complexo de Édipo com a formação do ideal do eu.

Sobre a futura escolha amora, se a menina conseguiu se fixar ao pai ao entrar no Complexo de Édipo, esta escolha será influenciada pelo tipo paterno. Entretanto, sua hostilidade com a mãe também se presentifica em sua relação amorosa.

*“Não existe, portanto, amor que não tenha seu protótipo na infância em suas múltiplas variações sobre a face imaginária do amor” (Zalcborg, 2007, p. 41).*

A necessidade feminina premente de ser amada mais do que amar é baseada em seu narcisismo, que é mais elevado que nos homens. Freud (1933) justifica a

excessiva vaidade feminina como uma tentativa de contrabalancear a ausência do pênis, ocultando sua deficiência genital.

*“A hostilidade que ficou para trás segue na trilha da vinculação positiva e se alastra ao novo objeto. O marido da mulher, inicialmente herdado, por ela, do pai, após algum tempo se torna também o herdeiro da mãe” (Freud, 1933, p. 132).*

A mulher na segunda parte de sua vida rivaliza com o marido, assim como o fez com a mãe. Freud conclui que um segundo casamento pode ser muito mais satisfatório, pois a rivalidade revivida no primeiro casamento já não está presente. Para Freud um casamento só passa a se tornar seguro quando a mulher coloca seu marido na posição de seu filho.

De acordo com Zalcberg (2007) a perda do amor para a mulher tem valor de castração, de ameaça que atinge o seu ser, pois a mulher só é alguma coisa quando é amada. É na histeria que se presentifica a ilusão de que o amor vai constituir o ser da mulher, tamponando-lhe a castração. Quando essa ilusão não é sustentada pelo amor, facilmente a mulher entra em depressão, pois não ter o amor é não ter o ser. O amor identifica a mulher enquanto tal.

A mulher necessita constantemente ouvir que é amada, pois ao ouvir pode se reassegurar do sentimento que o parceiro nutre por ela e reduzir o medo que tem de perder o amor.

O amor da mulher pelo homem está relacionado a maneira com que este encara sua castração, pois a mulher ao contrário do que se possa imaginar, o apóia nesse enfrentamento. A mulher não consegue se interessar por um homem que não apresenta algum tipo de falta. Sem a castração o homem é incapaz de dar qualquer prova de amor que é sempre tão exigida pela mulher. Para a mulher é intolerável que o homem que ela ama possa endereçar sua castração a outra mulher, sendo o amor feminino sempre ciumento.

A mulher se utiliza de máscaras para tamponar sua falta, que representam na realidade a ausência da compreensão do que é ser mulher. Contudo, ao se utilizar delas a mulher não percebe que está perdendo um pouco de seu lado feminino. A máscara representa uma posição fálica ao esconder a sua própria castração que é justamente aquilo que ela não pode tolerar no homem. *“Quanto mais identificada ao falo mais a mulher se afasta da especificidade da sua sexualidade que consiste principalmente num gozo que lhe é particular” (Zalcberg, 2007, p. 65).*

Soller (2006) afirma que o amor feminino é ciumento e demanda exclusividade. O amor é ciumento porque demanda o ser e em seus momentos de plenitude consegue produzir um tamponamento temporário da castração. Desta mesma maneira a perda do amor também representa para a mulher se perder.

*“Por outro lado, o amor feminino é ciumento porque se prende, e isso é o mais interessante, às características de seu gozo. Ao contrário do gozo fálico, o gozo outro, suplementar, ‘ultrapassa’ o sujeito” (Soller, 2006, p.56).*

Enquanto o gozo fálico lhe transmite uma identidade, o gozo feminino não transmite. A mulher, principalmente na contemporaneidade não está excluída do acesso ao gozo fálico, entretanto, o gozo genuinamente feminino é o gozo outro, que ao contrário do gozo fálico não é exibicionista, resultando na necessidade de outros recursos e esforços para se identificar pelo amor. Como é impossível ser A Mulher, ela deseja ser “uma” mulher, aquela que é eleita pelo homem para se identificar como sujeito fálico.

A mulher ao mesmo tempo em que é regida, em parte, pela lógica fálica, também é regida pela lógica não-toda fálica. Zalcberg (2007) explica a lógica fálica da seguinte maneira: a castração se estende a todos os homens, contudo, como toda regra há exceção, há pelo menos um homem que deve escapar à castração.

A mulher não se submete completamente a lógica fálica porque todas são castradas, não há exceção a esta regra. Contudo, isso não denota que elas estejam totalmente submetidas à castração. Por justamente não haver exceção à regra, as mulheres não formam um conjunto, só existindo no singular.

Para Lacan (apud Zalcberg, 2007) é somente através do amor que a relação homem e mulher se sustenta, pois ela precisa do amor para se definir como sujeito, demandando sempre mais e mais amor de seu parceiro, pois só assim consegue uma sustentação para o seu ser.

De acordo com Zalcberg (2007) se a mulher não encontra no Outro o desejo que será direcionado para si, apontado que ela não tem ou não é um objeto fálico, facilmente ela entra em desespero ou faz uma passagem ao ato.

O discurso do amor feminino está voltado para a falta no Outro, demandando-lhe que este responda o que é indizível. Contudo, mais tarde Lacan (apud Zalcberg, 2007) afirma que essa posição em que se demanda do Outro é presente na histeria, não cabendo a posição feminina como um todo.

A mulher na relação amorosa dá a sua falta para o homem, que também não é completo e desta forma, ela vai de encontro ao seu desejo. E é justamente a sua falta que causa o fascínio masculino sobre a mulher. A falta presente na mulher é de suma importância para o homem, pois ela não representa uma ameaça àquilo que lhe pertence, mesmo que essa posse não seja tranqüila. O desejo do homem pela mulher perpassa pela falta feminina, pois esta falta representa para ele um sinal de feminilidade.

O desejo feminino está intrincado ao desejo do Outro, passando a realizar sua satisfação narcísica através da subordinação ao Outro, podendo muitas vezes abdicar de qualquer realização pessoal para atingir a realização exclusivamente através do amor. Contudo, a mulher dá tudo de si em troca de tudo que o outro pode lhe dar também, mas como o homem é incapaz de ofertar o seu todo, as mulheres continuam no papel de demandar cada vez mais da relação.

Mais tarde Lacan (apud Zalcborg, 2010) descobre um outro gozo feminino que é diferente ao que está subordinado ao Outro. A mulher identificando-se pelo amor à castração masculina, que libera no homem o seu desejo, permite-se também desejar, tornando-se o desejo de desejar.

O homem torna a mulher seu objeto-causa de desejo e cabe à mulher aceitar essa posição de objeto ou não. Se aceita, ela se localiza na posição feminina, mas se rejeita esse lugar, a mulher apresenta-se na posição histérica.

Entre o homem e a mulher não existe somente o falo, mas também há fantasia, que ao mesmo tempo aproxima e afasta ambos. Aproxima porque possibilita os encontros amorosos, mas afasta porque a fantasia se situa entre o homem e a mulher, não havendo relação direta entre ambos ou de complementaridade.

Freud (apud Zalcborg, 2007) conceitua a fantasia como uma montagem visual que serve para operacionalizar o desejo, enquanto para Lacan a fantasia é para o sujeito o lugar da constituição de seus objetos, que se faz presente na constituição do Complexo de Édipo.

A conceituação de fantasia para Lacan, que tem origem em seus estudos na década de 60, faz o sujeito se deparar com uma perda no nível do gozo ao entrar na linguagem.

Para Soller (2006) todo amor é sustentado pelo verbo, presente na fala do sedutor, nas cartas de amor ou no sintoma que presentifica o amor.

### 1.2.1.

#### A Erotomania

O conceito de erotomania tem origem na psiquiatria clássica, segundo Sartori (2009) a utilização desse conceito na psicanálise é utilizada inicialmente por Freud que mantém sua explicação relacionada à paranóia e ao delírio de ser amado. Contudo, é somente com Lacan que a erotomania passa a ser utilizada para explicar a forma de amar feminina.

O termo erotomania surge com o criminalista vienense Zieler em 1810, mas é Clérambault que faz da erotomania uma entidade nosográfica, relacionada às psicoses passionais.

De acordo com Sartori (2009) a erotomania pode ser definida como o delírio de ser amado. A erotomania é trans-estrutural, podendo ser encontrada na psicose, onde não há o limite da função fálica e também na neurose, onde a norma fálica é atuante. A erotomania é a forma feminina de amar, estando ela presente em mulheres e em homens que amam conforme o modo feminino.

Lacan (apud Sartori, 2009) chama de sexuação o processo em que ocorre a definição entre o masculino e o feminino. Essa expressão foi calcada para distinguir e diferenciar dos processos biológicos e anatômicos. A sexuação se constitui a partir da simbolização do Nome-do-Pai e das identificações.

Na neurose, o amor apela para o semblante, tanto feminino quanto masculino.

*“[...] a erotomania perpassa a neurose e a psicose, indicando sempre, o que do amor e do sexo, na neurose não se escreve totalmente pelo falo, e o que, na psicose está desde sempre fora da significação fálica, vindo a se constituir através do narcisismo” (Sartori, 2009, p. 14).*

Para a Psicanálise, segundo Sartori (2009) o amor ao mesmo tempo em que está relacionado à vida, também faz com que o sujeito se depare com sua falta. O amor é a tentativa do sujeito de fazer suplência à inexistência da relação sexual.

A forma erotomaniaca de amar presente nas mulheres neuróticas e psicóticas é decorrente de sua incompletude fálica, tornando suas identificações e semblantes inconstantes. Isto leva a mulher a procurar no Outro a sua completude, pois o Outro é para a mulher imaginariamente completo.

Contudo Lacan (apud Sartori, 2009) afirma que esta tentativa feminina está fadada ao fracasso, pois não há no Outro algo que possa vir a preencher essa incompletude estrutural. Não há alguém que possa responder o que é ser uma mulher.

Miller (1998, apud Sartori, 2009) afirma que o gozo erotomaniaco feminino exige que o homem fale e que seja “A barrado”, pois é a presença da falta que faz o homem falar. A demanda de amor do Outro pela mulher “visa o infinito”, sempre exigindo mais de seu objeto de amor.

Enquanto o amor masculino é fetichista, o amor feminino é erotomaniaco. Por definição o homem introduz a mulher em seu sintoma para utilizá-la como fetiche em sua fantasia, já a mulher envolve o homem em sua fantasia enquanto objeto erotomaniaco de amor. A mulher ama aquele que a ama. (Zalcborg, 2007).

A forma de amar do homem é perversa, mais precisamente fetichista, definida a partir da relação com o objeto *a*. O homem procura o gozo perdido na forma do objeto *a* que a mulher representa em sua fantasia (Zalcborg, 2007).

*“O perverso assume a posição de objeto da vontade de gozar de um Outro, isto é, ‘o sujeito se faz o instrumento do gozo do Outro’. O perverso tem como função de devolver ao Outro um gozo supostamente perdido e recuperável através do objeto a. Não se trata, pois, de seu próprio gozo, mas o de um Outro” (Zalcborg, 2007, p. 140).*

Zalcborg (2007) ressalta que a forma perversa de amar do homem, não o transforma em perverso, enquanto estrutura clínica. Pois a forma perversa de amor masculina está relacionada ao “ter-se”, enquanto a estrutura perversa funciona na base do “ser-se”. Já as mulheres se aproximam da psicose com a forma de amor erotomaniaca.

Para a autora não há nada de incondicional nas loucuras feitas por amor realizadas pelas mulheres, pois é a partir destas loucuras que as mulheres obtêm um significado para a sua existência e conseguem estabelecer um limite para o seu gozo.

### **1.3. Histeria e o Feminino**

Zalberg (2007) afirma que não deve-se confundir o feminino com a histeria. Ao aceitar a posição feminina, a mulher se dispõe a ser o fetiche do homem.

Freud (apud Zalberg, 2007) sentencia que a mulher não nasce mulher, mas transforma-se uma. Para Lacan (apud Zalberg, 2007) a mulher ao se tornar o objeto a na fantasia de um homem, entra em contato com o Outro estrangeiro que pertence a ela. A mulher na posição feminina deseja gozar e fazer gozar.

No caso da histérica, a relação com o homem é completamente diferente, pois a histérica não aceita ficar no lugar de objeto na fantasia para o homem. Zalberg (2007) cogita que a relação mãe e filha pode ser a causa da dificuldade da histérica se colocar no lugar de objeto, mesmo que seja na fantasia masculina. Pois qualquer relação que a rememore de seu papel de objeto na fantasia materna gera um medo de reabsorção como o vivido nesta relação.

*“Esse é o ponto central do questionamento do gozo na histérica: a devastação infiltrada na posição de objeto na fantasia de um homem. A pergunta ‘esse corpo me pertence ou ele é dedicado ao gozo do Outro?’ dos primeiros tempos pode retornar na condição de objeto que a fantasia do homem lhe solicita ocupar” (Zalberg, 2007, p. 120).*

Como a histérica não suporta ficar na posição de objeto *a* na fantasia masculina, não é o gozo sexual que ela está procurando. A histérica não visa satisfazer o gozo do Outro, enquanto este objetivo é comum na mulher em posição feminina, pois ao proporcionar o gozo fálico ao homem, ela tem acesso ao gozo “a mais” e ao seu limite, como já foi dito anteriormente.

A questão da histérica passa por caminhos diferentes ao se tratar do gozo e do desejo. Se ela visa suscitar o desejo do Outro, não tem por objetivo satisfazê-lo. Enquanto a mulher na posição feminina quer gozar e fazer gozar, a histérica não quer nenhum desses dois, o que de fato ela quer é ser.

O objetivo da histérica ao evocar o desejo do Outro é que a partir disso, ela possa se tornar o objeto precioso, agalmático do homem que sustente o seu desejo de homem. A identificação da histérica com seu pai proporciona-lhe uma identificação viril e uma posição masculina em relação à sexualidade.

A histérica idealiza que com o amor possa responder a questão sobre o que é ser uma mulher. O amor para a histérica surge para responde sua questão sobre o ser, desta forma, perder o amor é nesse caso vem a ser ainda mais desestruturante.

O interesse da histérica está no homem que possui o falo, e não no gozo que poderia lhe proporcionar, então necessita a presença de uma Outra mulher a prive desse gozo sexual. Enquanto na posição feminina a mulher assume o lugar de outra para si mesma, na histeria o lugar assumido é de Outra na outra mulher.

Zalberg (2007) afirma que qualquer homem amado por uma mulher é meramente seu substituto paterno. Ela define a histeria feminina como sendo a escolha por um parceiro amoroso que represente seu pai. Lacan (apud Zalberg, 2007) afirma que a histérica procura outra mulher para que esta responda sobre a sexualidade feminina, pois a histérica acredita que a outra tem a resposta sobre a questão da sexualidade. Por isso a Outra está sempre presente na relação da histérica com o homem, pois a Outra teria a resposta sobre o que é ser mulher.

#### **1.4.**

#### **O Amor do Homem pela Mulher**

A mulher é definida por Lacan (apud Soller, 2006) como um sintoma, um sintoma do ser. A mulher é o sintoma do homem e não somente do pai. No ano de 1975, Lacan define que o sintoma são todos aqueles objetos que estão no lugar do objeto a, tudo aquilo que causa desejo.

O sintoma também pode ser definido como a maneira que cada sujeito goza em seu inconsciente. A mulher empresta seu corpo ao homem para que, gozando com ela, ele possa encontrar seu gozo inconsciente, tendo acesso ao gozo do corpo que é o gozo fálico (Soller, 2006).

A mulher é um sintoma para o homem, assim como a fobia ou uma obsessão, por exemplo. É sintoma, pois permite ao sujeito gozar com seu inconsciente. Contudo, a recíproca não é verdadeira, o homem não é sintoma da mulher, pois seu inconsciente se apresenta muito mais na superfície.

Acreditar na mulher como sintoma para o homem, assim como a fobia, é acreditar que a relação amorosa pode ser decifrável. Freud (apud Soller, 2006) sentenciou que a paixão, por mais rebelde à razão, pode ser decifrável, assim como o sintoma.

O homem ao colocar a mulher no lugar de sintoma, é acreditar que ela é a eleita do inconsciente e reconhecer sua fala como uma proferida pelo inconsciente. Soller (2006) faz um trocadilho em relação a posição da mulher para o homem, referindo-se a citação bíblica afirma: “[...] amar a próxima como a voz do próprio inconsciente” (Soller, 2006, p. 202).

Lacan (apud Soller 2006) utiliza a expressão fiar, o homem fia-se a uma mulher, assim como o psicótico fia-se a suas vozes. Exemplificando essa questão pode-se perceber a partir da frase comumente referida pelos homens: A minha mulher diz que. Este “a minha mulher diz que” tem para Lacan uma estrutura persecutória, onde o cômico do amor é o cômico da psicose, ou seja, o sujeito fia-se nela como uma voz, com a diferença que a paranóia identifica o gozo no lugar do Outro e o amor situa essa voz feminina como verdade. O fiar-se à mulher não está representado no nível do ter, mas no do ser, é acreditar que aquilo que ela diz se refere ao sujeito e não a ela própria.

Sua fala tem a representação da verdade para o homem. Porém, a fala da verdade não é a fala do amor, quando se fala a verdade, não se pode falar de amor, todavia isso não significa que o amor não seja verdadeiro.

Fiar-se a mulher não é apenas colocá-la no lugar do supereu, mas também colocá-la em competição com a articulação do inconsciente.

*“Com efeito, se amar é confessar a própria falta e prover a amada do que ela não tem, é concebível que o amor possa provocar, especialmente no homem, algo assim como uma defesa, uma espécie de protesto viril contra o amor” (Soller, 2006, p. 203).*

Para que a mulher possa ser desejada pelo homem é necessário que este a deprecie, que lhe aponte sua castração, que lhe mostre o lugar onde ela apresenta um déficit. Esta é a estratégia utilizada pelos homens para fazer a castração imaginária variar.

## CAPÍTULO 2: A PSICANÁLISE E SUA INTERAÇÃO COM O AMOR

### 2.1.

#### **Transferência**

Como afirma Soller (2006) as mulheres amam o amor mais que os homens. Na situação analítica podemos perceber as vicissitudes do amor em dois elementos: a transferência e a demanda. Assim, para estabelecer uma relação entre o amor feminino e a psicanálise, este trabalho pretende percorrer estes conceitos tão prementes na situação analítica.

A situação do amor transferencial é inevitável em um tratamento analítico. Segundo Freud (1915) a transferência amorosa sinaliza para o analista alguns aspectos sobre a contratransferência. Contudo, o analista deve ter em mente que o enamoramento de sua paciente é decorrente da própria situação de análise e não das características pessoais do analista.

Freud (1915) ressalta que o surgimento do amor da paciente pelo analista é uma resistência. Contudo, não é a resistência que cria o amor transferencial, ele surge e então, a resistência utiliza-se dele para seus fins, agravando as manifestações deste amor.

Como princípio fundamental para tratar um paciente que apresenta uma transferência amorosa deve-se permitir que suas necessidades e anseios persistam para que sejam estas forças auxiliem o tratamento a realizar mudanças no sujeito. Deve-se também ajudar a arrefecer estas forças pelo auxílio de substitutos, que é a única possibilidade que o analista pode oferecer a seu paciente (Freud, 1915).

Freud (1915) é enfático ao afirmar que um relacionamento amoroso entre analista e paciente não deve ser levado a cabo, pois a junção entre tratamento e relação amorosa não auxilia a cura do paciente de seus problemas. Desta forma, ao suprir ou corroborar os anseios amorosos do paciente não ajudaria o tratamento analítico.

A solução dada por Freud (1915) para esta questão é que o analista não responda aos anseios do paciente, mas que ao mesmo tempo não perca as rédeas do amor transferencial, para que este não se torne desagradável para o paciente.

Deve manter sob seu domínio o amor tranferencial e tratá-lo como algo irreal, uma vicissitude do tratamento e que este amor possa auxiliá-lo a chegar em algumas questões que estão inconscientes para o paciente e que venham, a partir de então, tornarem-se conscientes.

O amor sentido pelo analista não pode ser considerado genuíno, pois na verdade ele é a repetição e a cópia de situações vivenciadas anteriormente, até mesmo as infantis. A análise tem por meta desvendar a escolha de objeto infantil do paciente e suas fantasias. Entretanto, Freud ressalta que todo tipo de amor consiste numa adição de características antigas e de repetições infantis, não sendo exclusivo ao amor de transferência. Por ter influência dos protótipos infantis o amor é compulsivo, podendo se aproximar da patologia, em alguns casos mais extremos. A diferença entre o amor tranferencial e os outros tipos de amor, é que o primeiro dá menos liberdade ao sujeito, ele está mais preso aos seus protótipos infantis que nas outras formas de amar. O amor tranferencial está menos pautado na realidade que o amor comum.

É interessante ressaltar que nos textos Freudianos sobre o amor tranferencial quando ele se refere ao paciente, sempre o coloca como alguém do sexo feminino. É sabido que a maioria dos pacientes de Freud foram mulheres, entretanto pode-se considerar que o gênero feminino utilizado em seus textos não deve ser decorrente simplesmente pelo fato de ter tratado mais mulheres que homens, mas como afirma Soller (2006) pela proximidade feminina com tema do amor.

O começo da análise é estabelecido a partir da transferência e seu pivô é o sujeito suposto saber. O sujeito procura análise pela idealização de que o psicanalista possuiria algum conhecimento sobre o seu sintoma. Jacques-Alain Miller (apud Quinet, 2007) denomina essa busca de pré-interpretação realizada pelo sujeito sobre o seu sintoma. A idéia que o analisando possui sobre o analista onde ele teria o saber sobre o seu sintoma, nada mais é que uma mera ilusão. Entretanto esta tendência a acreditar que o psicanalista possui o conhecimento de seu sintoma é denominada de “erro subjetivo”, que é essencial para a entrada em análise. A transferência não é estabelecida por uma ação do analista, cabendo a ele gerenciá-la corretamente. A transferência é uma função do analisante (Quinet, 2007).

Em Lacan (apud Quinet, 2007) a escolha do analista se define como a articulação de dois significantes que correspondem ao estabelecimento da transferência. Esta articulação acontece entre um significante do analisando que se dirige a um significante qualquer do analista.

O sujeito suposto saber não tem necessariamente o significado que o analisando acredite que o analista possua todo o conhecimento sobre si, pois nesse tipo de relação é possível a existência de certa dúvida.

O amor é a conseqüência do estabelecimento do sujeito suposto saber, tendo por fim, a transformação de uma demanda transitiva, que está relacionada às queixas sobre o sintoma, para uma demanda intransitiva, que é demanda de amor.

*“O amor é o efeito da transferência, mas efeito sob o aspecto de resistência ao desejo como desejo do Outro (Quinet, 2007, p. 29).*

Lacan define a transferência como o amor que se endereça ao saber, o amor transferencial tem como objetivo saber, mas apresenta como finalidade atingir o objeto causa de desejo.

*“Da mesma forma, desde sempre a questão do amor de transferência esteve ligada, de modo estreito demais, à elaboração analítica da noção de amor. Não se trata do amor enquanto Eros- presença universal de um poder de ligação entre os sujeitos, subjacente a toda realidade na qual se desloca a análise- mas do amor- paixão, tal como é concretamente vivido pelo sujeito como uma espécie de catástrofe psicológica” (Lacan, 1975, p. 129-130, apud Allouch, 2010).*

Para Lacan (apud Allouch, 2010) o amor de transferência é um fenômeno que representa uma novidade para o paciente, pois nunca vivenciou anteriormente algo assim, desta maneira, Lacan se contrapõe a Freud, em relação aos protótipos infantis do amor de transferência.

A transferência segundo Lacan é o ponto onde ocorre a identificação do sujeito com sua imagem narcísica. O paciente estabelece uma relação de miragem consigo mesmo, um resgate do que está do espelho e a postura do psicanalista, em que seu eu está apagado, auxilia ainda mais esta relação narcísica (Allouch, 2010).

Segundo Soller (2006) o sujeito só entra em análise porque acredita que seu sintoma é dócil, mas consegue perceber que mesmo assim está atrapalhando algo em sua vida, cabendo ao psicanalista o poder de decifração desse sintoma. Esse

poder que é dado pelo analisando ao analista caracteriza essa relação como transferencial.

A transferência é amor e enquanto tal assume certa tendência a atenuar as questões da análise, direcionando o paciente a consentir e até mesmo sacrificar-se por este amor. Os sacrifícios realizados pelos pacientes são os mais variados possíveis. O sacrifício é na realidade a transferência para o outro de um certo poder sobre o pensamento e a decisão.

A analista dá o semblante do lugar do suposto saber para que o sujeito se enamore na situação analítica. O papel de ouvinte também auxilia o estabelecimento da transferência, pois dá crédito ao analisando que sua fala é interessante. Quem ama sacrifica sua posse mais real, que é o seu sintoma.

Soller (2006) afirma que a relação transferencial pode ser comparada a uma batalha, onde seus membros, o analisando e o analista, possuem duas maneiras de agir. A ação do analisando está baseada no ter, no desejo de apropriar-se daquilo que o analista sabe sobre o analisando. Enquanto a estratégia do analista está baseada na recusa e na utilização da interpretação e de sua presença, há uma retenção sustentada, metódica e instrumental.

Lacan (apud Soller, 2006) subdivide o tratamento psicanalítico em três etapas: o enamoramento primário, a regressão e a satisfação própria da neurose de transferência. O enamoramento é uma das fases que constituem o amor, entretanto possui uma especificidade, a falta constituinte de toda relação amorosa não é percebida como uma insuficiência dolorosa, mas é vivida como um êxtase. Na relação analítica o enamoramento não deve ser estimulado pelo analista, devendo ser contido e permanecer insatisfeito, mas sem o reduzir o amor transferencial.

O amor desiludido pelo psicanalista produz no analisando um retorno às suas questões primárias, ao seu luto primário, suas conseqüências sobre as escolhas amorosa, suas condutas e suas soluções fantasísticas.

Para Lacan (apud Soller, 2006) a busca por uma análise deve-se ao fato do sujeito ser invadido pelo gozo de seu sintoma, elevando-o a condição de enigma e assim procura o psicanalista, que assume o lugar do suposto saber para desvendar o significado de seu sintoma através da interpretação.

Lacan (apud Soller, 2006) afirma que nem todo amor é transferencial e que o amor baseado na relação transferencial não é um amor de qualquer tipo. Soller (2006) enfatiza que essa diferença só é estabelecida por Lacan, pois Freud

considerava o amor transferencial simplesmente como a repetição dos amores infantis e em última instância, do amor ao pai. Para a autora, Freud erra nesta concepção, pois caso todo amor transferencial fosse infantil não haveria mudança possível em qualquer tratamento analítico.

*“O amor transferencial não é o amor ao pai. Velho e novo amor se opõem como o amor do  $S_1$  e o amor do  $S_2$ , visto que escrevemos o saber como  $S_2$  e que, na estrutura da linguagem, ele surge como garante do  $S_1$ , o do pai, em essencial. Esses dois amores se apõem, ainda que o segundo leve à consideração do primeiro” (Soller, 2006, p. 211).*

De acordo com Lacan (apud Ferreira, 2010) a repetição daquilo que está recalcado através do amor transferencial pode ser compreendido como uma falha no processo de simbolização; aquilo que não pode ser dito, e não é reconhecido pelo sujeito retorna no real sob a forma de conduta, desta maneira, aquilo que foi recalcado reaparece sob a forma de sintoma, sonhos, chistes e atos falhos.

Segundo Ferreira (2010) no amor de transferência duas estratégias são travadas, que colocam em cena o amor e o desejo. Recordar para não repetir é o desejo do analista e o analisando deseja não recordar para amar e ser amado.

É no seminário 11 que Lacan introduz o conceito de sujeito-suposto-saber que está presente na relação transferencial, contudo sempre que alguém supõe saber em outra pessoa, esta relação se estabelece, mesmo que não seja no enquadre analítico.

O saber que está em voga na relação analítica está relacionado ao conhecimento do desejo e de seu gozo que o paciente acredita que o seu analista detém. A ignorância também está presente no amor transferencial, pois é a partir dela que o sujeito acredita que o analista sabe algo que ele próprio desconhece.

A forma de amor presente na relação transferencial é do mesmo tipo da paixão, contudo acrescida de uma característica, a suposição de um saber que o analista possuiria sobre o sujeito.

*“Trata-se de um amor que demanda ser amado e que se sustenta na doce e amarga ilusão de que o objeto amado tem o saber que falta ao amante. É preciso mais uma vez enfatizar a ambivalência como marca registrada do amor: no regime do excesso, amor e ódio oscilam em um movimento análogo ao pêndulo” (Ferreira, 2010, p. 37, grifo do autor).*

Enquanto Freud enxerga o amor a partir da idealização, Lacan o concebe como uma função de sublimação. Para Lacan amar é amar alguém para além do que ele parece ser, suportando os defeitos, falhas, fraquezas, enquanto a paixão não os aceita. Na paixão o objeto amado serve somente para responder as demandas do amante.

Na transferência as três paixões referidas por Lacan (amor, ódio e ignorância) estão presentes, por mais que comumente esqueçam-se da premência da ignorância na transferência. Ao procurar a análise o sujeito ignora algo sobre si e acredita que o analista detenha esse saber que ele desconhece, e este processo é fundamental para a entrada em análise. É a partir da ignorância do paciente que leva a Lacan formular a questão sobre o sujeito suposto saber. Amor, ódio e ignorância são o tripé da relação transferencial (Jorge, 2008).

Na relação analítica, a abstinência sexual imposta entre o analista e o analisando faz emergir o amor transferencial, deduzindo-se na clínica que o amor surge para fazer suplência a não existência da relação sexual.

Klotz (1997) sentencia que não é a paixão o que conceitua a transferência, mas a emergência da dimensão apaixonada que é utilizada no tratamento para estabelecer a estrutura do tratamento analítico. *“O amor é o ponto de encontro, isto é, a transferência é o ponto de encontro que introduz a dimensão da verdade na própria prática analítica”* (Klotz, 1997, p. 109).

Para Lacan (apud Klotz, 1997) a ignorância é uma paixão que está num lugar central em um processo analítico. A ignorância está relacionada ao desejo de saber presente no analisando. A paixão é um fenômeno imaginário, é a dimensão emocional do sintoma. Interpretar o sintoma surte um efeito sobre o sentimento da paixão, suprimindo-a.

Klotz (1997) ressalta que o cenário muda para o analista quando seu analisando lhe dedica o amor transferencial. Este tipo de amor não surge espontaneamente, mas é encontrado, surgindo em certos momentos durante o tratamento.

No amor transferencial, que Klotz (1997) denomina de paixão transferencial, não há um sujeito apaixonado, mas sim o significante apaixonado. O significante possibilita a resistência do analisando, entretanto sem ele, não há análise, pois a falha presente no significante caracteriza o sujeito em sua relação com a dimensão simbólica que lhe determina.

Na análise o amor se faz presente a partir da troca entre o analista e o analisando, onde o primeiro ouve e interpreta e o segundo fala. Nesta relação, o amor está presente no conhecimento que o analista teria sobre o analisando, que ele próprio desconhece. De acordo com Lacan (apud Zalcberg, 2007) no discurso analítico não há espaço para nada além do amor.

No fim da análise, a elaboração da transferência se direciona para a queda do lugar do sujeito suposto saber e a identificação com seu sintoma (Soller, 2006).

## **2.2.**

### **Demanda**

Lacan (apud Allouch, 2010) afirma que toda demanda é no fundo uma demanda de amor.

O amor pode ser encarado como a solução de uma demanda que nunca pode ser satisfeita pelo sujeito. A solução através do amor se situa num registro diferente da demanda. O sujeito soluciona a insatisfação peculiar à demanda, agindo de outra maneira em relação ao amor, tomando um objeto só para si.

O amor, conforme Lacan (apud Allouch, 2010) está presente em toda e qualquer demanda, desde a mais trivial.

*“Vale dizer que a demanda é, no fundo, demanda de amor- demanda do que não é nada, nenhuma satisfação particular, demanda daquilo que o sujeito traz por sua pura e simples resposta à demanda” (Lacan, 1958, p. 381, apud Allouch, 2010, p. 127).*

A demanda contém em si, a demanda de algo, de algum tipo de satisfação, mas também está presente a necessidade da presença do outro, o dom da presença do outro. A analista ao não responder prontamente à demanda se faz presente. A demanda possui um duplo fundo e ao respondê-la o analista faz surgir o que a demanda, realmente está demandando, que é o amor. Toda demanda de amor visa o ser do Outro, que este lhe entregue o que está para além de toda satisfação, que lhe entregue o seu ser, que é o mesmo pedido presente no amor.

*“O amor se encontra no registro da demanda do/ao Outro e o desejo (Wunsch) é o que, em Freud, é propriamente sexual” (Quinet, 2007, p. 87).*

A necessidade está registro do falta-a-ter, pois ela possui um objeto específico, entretanto com a entrada na linguagem aparece no homem a demanda e o desejo, que pertencem ao registro do falta-a-ser, não há objeto específico que tampona a falta estrutural do sujeito. Falta-a-ser o objeto que daria completude ao Outro, aquele objeto que o Outro gostaria que eu fosse.

Pode-se definir o desejo como uma força que se desloca de um significante ( $S_1$ ), que representou uma necessidade primeira para outro significante ( $S_2$ ), que é representado pelo traço mnêmico do objeto que saciou sua necessidade.

Para que o conceito de demanda seja definido, é necessário retornar a cena da primeira necessidade infantil, onde o grito proferido pela criança é interpretado pela mãe como um apelo. A demanda é o apelo pelo objeto que pode satisfazê-lo e é nessa demanda que se desenrola o desejo.

Na demanda há sempre a exigência da restituição de um estado anterior, onde o sujeito acredita que encontrava-se pleno, demanda encontrar o objeto perdido da primeira satisfação. Enquanto o desejo é justamente a busca por esse objeto perdido, o objeto que trará a satisfação plena, objeto este que na realidade nunca existiu, mas sua suposição é fundamental na teoria freudiana.

A demanda não almeja o objeto, mas o Outro. O que caracteriza a demanda não é a relação entre dois sujeitos, mas o fato dessa relação acontecer por intermédio da linguagem. Para Lacan (apud Quinet, 2007) toda fala é uma demanda.

A demanda é a própria cadeia de significantes, tudo aquilo que o analisando diz é demanda, sendo sua fala uma demanda de interpretação, uma demanda de sentido.

A abstinência do analista em relação ao enamoramento que o analista não responde, proporciona a produção da demanda, faz o analisando reviver situações de seu passado, reviver no espaço analítico aquilo que não pára de se escrever.

Zalberg (2007) distingue dois tipos de demandas presentes no sujeito. A primeira delas é demanda da pulsão, que é uma demanda que não fala, que não visa o Outro e sua falta, pois pretende evitar o contato com a castração. É uma dimensão fechada, do gozo auto-erótico, que só precisa do Outro para fechar o arco do gozo, sua relação é com o objeto. O outro tipo de demanda, que já foi explicada neste trabalho, é a demanda de amor, que fala, que está relacionada com o Outro e não exclusivamente com o objeto. *“O paradoxo da castração é que*

*precisamos tanto deixar de gozar com o Outro quanto precisamos do Outro para gozar” (Zalcborg, 2007, p. 103).*

Toda a resposta à demanda de análise estabelece uma relação entre a transferência e a sugestão. Pois a transferência pode ser considerada uma sugestão, mas está baseada em uma demanda de amor, que não está relacionada a nenhuma necessidade específica (Lacan, 1998).

A análise da transferência é algo natural, pois a transferência é análise de sugestão, colocando o sujeito perante sua demanda num posicionamento que é derivada de seu desejo. Para manter esse enquadre na relação analítica é necessário que a frustração esteja mais presente que a gratificação (Lacan, 1998).

### **2.3.**

#### **Desejo**

Segundo Laplanche e Pontalis (1983) o termo desejo, *Wunsch* em alemão, é conceituado mais detalhadamente por Freud na teoria do sonho. *Wunsch* em alemão significa aspiração, voto, tem um significado mais amplo que a tradução de desejo, realizada em português.

O desejo se estabelece a partir da associação entre a percepção daquilo que aplaca a necessidade e a própria necessidade. Quando em um segundo momento o sujeito se encontrar novamente com a necessidade, ele tenta resgatar aquilo que primeiramente o seu estado de necessidade. Este segundo momento que visa reencontrar aquilo que diminuiu sua necessidade anteriormente é denominado de realização do desejo.

Enquanto a necessidade está relacionada a um estado de tensão que encontra a satisfação com alguma ação específica, o desejo “[...] *está indissoluvelmente ligados a traços mnésicos e encontrar a sua realização na reprodução alucinatória das percepções tornadas sinais de satisfação* (Laplanche & Pontalis, 1983, p. 159).

Contudo Freud (apud Laplanche & Pontalis, 1983) utiliza o termo desejo em outros contextos, como por exemplo: o desejo de dormir ou o desejo pré-consciente, apontando que sua definição de desejo não foi rigorosamente estabelecida, por mais que a concepção primordial de desejo para Freud estivesse relacionada aos desejos inconsciente ligado a sinais infantis indestrutíveis.

Lacan (apud Laplanche & Pontalis, 1983) faz um resgate deste termo e afirma sua extrema importância para a Psicanálise. Desta maneira, estabelece uma diferenciação entre desejo, necessidade e exigência. A necessidade possui um objeto específico que a satisfaz; a exigência está sempre dirigida ao outro, o objeto não é fundamental, pois é na realidade exigência de amor. O desejo tem sua origem no afastamento da necessidade e da exigência. O desejo estabelece uma relação com a fantasia.

Roudinesco e Plon (1997) afirmam que a teoria do desejo em Freud está relacionada a realização e ao movimento para tentar realizar os desejos inconscientes. Lacan repensa a conceituação de desejo na Psicanálise Clássica e é influenciado pela Filosofia para descrever o que compreende como desejo. Conceituando o desejo como uma cobiça ou apetite que deve ser completamente satisfeito. Em alemão Lacan utiliza o termo *Begierde* para representar o desejo.

Lacan (apud Roudinesco & Plon, 1997) considera a definição freudiana do desejo insuficiente e passa a estabelecer uma relação entre o desejo baseado no reconhecimento (desejo do desejo do Outro) e o desejo inconsciente (realização de um desejo inconsciente).

O desejo incide sobre a fantasia. *“Portanto, é desejo do desejo do outro, na medida em que busca ser reconhecido em caráter absoluto por ele, ao preço de uma luta de morte, que Lacan identifica com a famosa dialética hegeliana do senhor e do escravo”* (Roudinesco & Plon, 1997, p. 147).

Lacan (apud Roudinesco & Plon, 1997), nos seminários dos anos de 1956 e 1957, conceitua a fantasia como uma de impedir o surgimento de um episódio traumático, é um modo de defesa contra a castração. Está presente na estrutura do significante, não podendo ser reduzida ao registro imaginário.

*“O desejo inconsciente é o desejo do Outro (Lacan, 1998, p, 638).* A partir da demandam pode-se observar o desejo, entretanto ele se encontra para-além da demanda. Contudo, o desejo também pode encontrar-se para alguém de outra demanda ao estar preso ao lugar do outro.

O desejo é a impossibilidade da fala (Lacan, 1998). O desejo é aquilo que mantém a direção do tratamento. Lacan considera a resistência como o desejo de ter seu desejo resguardado, incluindo-a na categoria de transferência positiva. A fantasia tem por uso fundamental a sustentação do desejo que some do sujeito.

Segundo Soller (2006) a análise permite que o sujeito entre em contato com a questão sobre o seu desejo, pois ela aponta as identificações do indivíduo que são determinadas por ele.

O desejo é aquilo que une o simbólico e o real. Em análise, a maneira de lidar com o desejo exerce uma influência direta sobre o conceito de transferência (Klotz, 1997).

*“O desejo é aquilo que se manifesta no intervalo cavado pela demanda a quem dela mesma, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, traz à luz a falta-a-ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta” (Lacan, 1998, p. 633).*

Lacan (1998) afirma que o sujeito espera que o Outro preencha a sua falta-a-ser e disso surge o amor, mas também o ódio e a ignorância. As paixões do ser fazem com que a demanda esteja articulada com algo que está para além da necessidade, e quanto mais a necessidade da demanda é satisfeita, mais a paixão do ser se encontra insatisfeita.

*“O desejo do homem é o desejo do Outro” (Lacan, 1998, p. 634).* Essa conclusão foi realizada por Lacan ao se deparar que o desejo é constituído a partir do discurso, que faz sua necessidade passar pelo significante.

Fink (1998) afirma que sem a linguagem não haveria o desejo da maneira que é concebido e muito menos haveria sujeito. A linguagem é permeada pelo desejo e o desejo não pode ser concebido sem a linguagem, o desejo é constituído da mesma matéria prima que a linguagem.

O sujeito é causado pelo desejo do Outro, pois como afirma Fink (1998) não existiria o sujeito, se inicialmente ele não fosse nem desejado por seus pais.

### **2.3.1.**

#### **Alienação e Separação**

Quando o tema tratado é o desejo, não pode-se esquecer de abordar as duas operações que constituem o sujeito: a operação de separação e alienação.

As operações de alienação e separação são derivadas da lógica formal e constituem o sujeito. De acordo com Laurent (1997), Lacan ao introduzir em 1964

esses dois conceitos passou a desconsiderar as operações de metáfora e metonímia.

Lacan (apud Laurent, 1997) explicou o tratamento analítico a partir dos conceitos de alienação e separação, sendo o final de análise conceituado a partir da separação.

Na alienação, de acordo com Fink (1998) o sujeito é constituído a partir do desejo do Outro, que o idealizou antes mesmo de existir, enquanto a separação é a tentativa deste sujeito alienado de compreender o desejo do Outro.

Na operação de alienação a relação estabelecida entre a criança e o Outro há sempre um certo desequilíbrio, onde a criança, que faz a escolha da neurose, sempre sai perdendo, contudo ganha em outro aspecto, passa a ser sujeito da linguagem e na linguagem, nesta operação a criança está assujeitada ao Outro. Entretanto na psicose, a criança ao não se submeter ao Outro, também não consegue se constituir enquanto sujeito, desta forma, pode-se concluir que a submissão da criança ao Outro é imprescindível para a constituição do sujeito. Fink (1998) conclui que a criança na realidade ao escolher a submissão está optando por se sujeitar à linguagem. A partir da operação de alienação o sujeito entra no simbólico e possui um lugar exclusivo no mundo.

A alienação é uma operação que existente em alguns momentos da vida do sujeito. Esta operação pode ser compreendida a partir de uma relação *ou/ou*, ou seja, a partir de uma escolha. “[...] o ‘vel da alienação’ de Lacan sempre exclui a sobrevivência de uma das partes e sempre a mesma” (Fink, 1988, p.73). Vel é uma operação com proposições existente na lógica matemática que Lacan utiliza para explicar a constituição do sujeito.

Soller (1997) afirma que o sujeito inicialmente é um efeito do Outro e não um agente, pois se constitui no campo do Outro. Pois o Outro é anterior ao sujeito, é dele que saem os significantes que irão constituir o sujeito. É a partir do significante que é dirigido pelo Outro ao ser vivo que o sujeito se constrói, sem significante não há sujeito. Para Soller, antes do surgimento do significante o sujeito é apenas um ser vivo.

O exemplo clássico proferido por Lacan para exemplificar a operação de alienação é: a bolsa ou a vida, pois o sujeito ao se encontrar nesta situação não tem escolha, há de entregar a bolsa, mas se decidir ficar com a bolsa, de qualquer maneira a perderá ao perder a vida.

De acordo com Fink (1998) o vel da alienação possui 2 integrantes: o sujeito e o Outro, onde o sujeito sempre se encontra na posição de perdedor em relação ao Outro. O autor afirma que a alienação é o “*primeiro passo*” para o surgimento da subjetividade, mas em contrapartida é também o primeiro passo que se dá para desaparecimento do próprio sujeito. Antes da alienação não há sujeito.

*“A alienação dá origem a uma possibilidade pura de ser, um lugar onde espera-se encontrar um sujeito, mas que no entanto, permanece vazio”* (Fink, 1998, p. 74). Para Fink a primeira percepção do sujeito é a da falta. Segundo Laurent (1997) a primeira falta do sujeito se encontra na relação com o Outro, pois há sempre um resto que não pode representado, esta relação nunca pode ser completa e é a partir desta incompletude que se forma o sujeito.

Para entender a segunda falta, Laurent (1997) utiliza o esquema proposto por Jacques-Alain Miller que pode ser representado por:  $S_1 \rightarrow S_2$ , indicando que são necessários dois significantes para definir a estrutura do Outro.

Laurent (1997) afirma que existem duas possibilidades de explicar a falta no sujeito. A primeira explicação afirma que durante a alienação ao mesmo tempo que o sujeito se identifica a um significante, ele é representado para um outro por um significante também. Enquanto a outra maneira de definir a falta é pelo objeto a. A alienação encobre que o objeto de gozo está perdido.

*“[...] a união do sujeito com o Outro deixa uma perda: se o sujeito tenta encontrar-se no Outro, só pode se encontrar como uma parte perdida. Ele fica petrificado por um significante-mestre e perde alguma parte de seu ser. A alienação (isto é, o fato de que o sujeito, não tendo identidade, tenha de identificar-se a algo), encobre ou negligencia o fato de que, um sentido mais profundo, o sujeito se define não apenas na cadeia significante mas, no nível das pulsões, em termos de seu gozo em relação ao Outro”* (Laurent, 1997, p. 43).

Fink (1998) afirma que na segunda operação lógica, a separação, o sujeito está em confronto com o desejo e não mais com a linguagem. É através desta operação que o ser tem origem, mas é um ser vazio, que é regulado pela lógica *nem/nem*. Na separação tanto o sujeito quanto o Outro estão excluídos, é uma justaposição de duas faltas.

Para que a operação de separação possa se realizar é necessário que o Outro seja desejante, apresentando-se faltoso e incompleto, mostrando que também é barrado pela linguagem. O Outro é barrado, também é cindido em seu

desejo. Ao perceber a incompletude do Outro, o sujeito tenta preencher essa falta com a sua própria falta a ser, seu *self*. O objetivo do sujeito é fazer as duas faltas, tanto a sua quanto a do Outro se sobreporem, o que é impossível. Não há possibilidade do sujeito preencher todo o desejo do Outro. A separação só exista na neurose e na perversão, pois depende do Nome-do-Pai e na psicose o sujeito é objeto.

Na situação analítica, segundo Laurent (1997) a separação é anterior a alienação.

Para Soller (1997) enquanto não há escolha para a alienação, é o destino de todo ser humano para entrar no mundo dos significantes, em contrapartida na separação há uma escolha, há um querer. É necessário que o sujeito queira se separar da cadeia de significantes. Soller (1997) define a separação como a vontade do sujeito saber o que se é, além daquilo que foi dito pelo Outro. Mas para que a separação possa se realização é necessário que haja desejo no Outro.

O Outro presente na separação não é o mesmo que está presente na alienação, pois na alienação o Outro é cheio de significantes enquanto na separação o que se apresenta é um Outro em que algo falta (Soller, 1997). Lacan (apud Soller, 1997) afirma que a falta presente no Outro da separação é o desejo. É a partir da fala que o desejo aparece porque na fala há uma impossibilidade de dizer o que se quer.

O encontro com a falta do desejo é, segundo Soller (1997) a condição indispensável para a operação de separação. Para Lacan (apud Soller, 1997) o desejo é como a metonímia, está sempre presente na fala, mas sempre deslizando, nunca é possível capturá-lo.

Na separação o sujeito quer ser, é uma eterna busca pelo ser que é muito visível no sujeito histérico, pois ele sente a sua própria falta. A sensação de ser desejado por alguém, de que a pessoa não pode viver sem você dá uma sensação de ser para o sujeito. De acordo com Soller o sujeito histérico está sempre posicionado no nível da separação, pois está constantemente questionando o desejo do Outro. Onde a fonte máxima de angústia para o sujeito histérico é o fato de não haver lugar para ele no Outro. Já o obsessivo foge do desejo do Outro porque a falta apontada pelo desejo o angustia.

Na operação de separação uma questão é sempre dirigida ao Outro pelo sujeito: o que eu sou no desejo do Outro? E Soller afirma que a Psicanálise entra

nesta questão para tentar respondê-la. Mas “[...] *Lacan diz que o sujeito pode saber o que ele é no desejo do Outro, sem esquecer que o desejo do Outro é o seu próprio desejo*” (Soller, 1997, p. 65).

É somente através da linguagem que a criança é capaz de mediar o desejo do Outro, mantendo-o à distância e simbolizando-o cada vez mais completamente. A separação leva a retirada do sujeito do campo do Outro onde ele era nada além que um marcador de lugar (Fink, 1998).

## Conclusão

Assim como a mulher procura no homem uma resposta sobre o ser, o paciente faz essa mesma busca na análise. O lugar de objeto *a* da fantasia masculina, que é aceito pela mulher, pode ser comparado ao lugar de objeto que o paciente se coloca no início da análise, onde acredita que o analista também possui a resposta sobre si e seus sintomas. Contudo, ao fim da análise o paciente deixa de ser objeto, o analista é destituído do lugar do suposto saber, o mesmo não pode ser verificado no amor feminino.

O amor feminino é erotomaniaco, ou seja, precisa sentir-se amado para amar, desta forma, é uma modalidade de amor que demanda do outro, demanda seu ser. Na análise a relação entre analista e analisando também está presente a demanda, pois a demanda nada mais é que uma aspiração, podendo ser expressa com a fala. Enquanto o amor masculino é fetichista, o homem não necessita da mulher para a constituição do seu ser, o homem não é duplamente castrado, ele possui algo que marcar a sua constituição: o falo.

Como já dito anteriormente, o desejo é desejo do Outro (apud Lacan, 1998). O amor feminino tem fortemente esta marca, como a mulher é duplamente castrada, ela precisa do balizamento masculino para constituir seu desejo e sua identidade.

A proximidade feminina com o tema do amor aproxima também a mulher da Psicanálise, pois um tratamento analítico não se estabelecer sem a relação transferencial. E a transferência muitas vezes ocorre pela via do amor. Freud (1915) declara que a procura pela Psicanálise pode ser através de um problema no amor, esperando que a análise propicie o mesmo efeito que a relação amorosa, mas Freud é enfático ao afirmar que ao realizar essa busca na análise, a presença de um pequeno imprevisto pode fazer com que o sujeito abandone seu tratamento.

O tema do amor feminino e sua relação com a Psicanálise intriga muitos estudiosos, principalmente porque a mulher tem questões muito complexas, como por exemplo: o gozo “a mais”, que não possui um limite corpóreo e nem todas as mulheres conseguem acessá-lo e as que o atingem, só podem a partir da mediação masculina. O homem permite que a mulher tenha acesso ao gozo “a mais”, entretanto não participa dele, mas ao mesmo tempo está presente para colocar um

limite na mulher que atinge esse gozo. O gozo “a mais” não tem limite, pois não tem uma referência corpórea.

Pela complexidade que o estudo sobre o feminino possui, mais pesquisas sobre o tema são geradas freqüentemente. Esse trabalho não teve por objetivo responder todas as questões sobre o feminino, mas realizar uma breve releitura do tema e estabelecer uma relação entre o amor feminino e a Psicanálise.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLOUCH, J. *O Amor Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.
- FERREIRA, N. P. *A Teoria do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Psicanálise Passo-a-Passo, v. 38).
- FINK, B. *O Sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FREUD, S. (1914). *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.14)
- FREUD, S. (1915). *Sobre o Início do Tratamento (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise III)*. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.12)
- FREUD, S. (1915). *Observações Sobre o Amor Transferencial (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise III)*. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.12)
- FREUD, S. (1930). *O Mal-estar na Civilização*. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.21).
- FREUD, S. (1931). *Sexualidade Feminina*. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.21).
- FREUD, S. (1933). *Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise: Conferência XXXIII: Feminilidade*. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.22).
- JORGE, M.A.C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- KLOTZ, J.P. *A Dimensão Apaixonada da Transferência. Para Ler o Seminário 11*. Fedelstein, Fink & Janus (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LAPLANCHE, J ; PONTALIS, J.B. *Vocabulário de Psicanálise*. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes
- LAURENT,E. *Alienação e Separação I. Para Ler o Seminário 11*. Fedelstein, Fink & Janus (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- LAURENT,E. *Alienação e Separação II. Para Ler o Seminário 11*. Fedelstein, Fink & Janus (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1997
- QUINET, A. *As 4 + 1 Condições da Análise*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SARTORI, A.P.C. *Erotomania: amor e sexuação*. 2009. 176 f. Tese (Doutorado em Psicologia)- Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2009.
- SOLLER, C. O Sujeito e o Outro I. **Para Ler o Seminário 11**. Fedelstein, Fink & Janus (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- SOLLER, C. O Sujeito e o Outro II. **Para Ler o Seminário 11**. Fedelstein, Fink & Janus (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- SOLLER, C. *O que Lacan Dizia das Mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ZALCBERG, M. *Amor Paixão Feminina*. Rio de Janeiro: Campus, 2007.